



DIÁRIO DE BORDO

COOPERATIVAS CONTRA MUDANÇAS CLIMÁTICAS

ROBERTO RODRIGUES

Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV (FGV Agro), embaixador especial da FAO para as Cooperativas e titular da Cátedra de Agronegócios da Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz" da Universidade de São Paulo (Esalq/USP)

DESDE 1923, é celebrado, em todo o mundo, no primeiro sábado do mês de julho (4 de julho em 2020), o Dia Internacional do Cooperativismo, sob a coordenação da Aliança Cooperativa Internacional (ACI), organismo que é cúpula do movimento cooperativista planetário.

Formalmente, a ACI é uma instituição consultiva da Organização das Nações Unidas (ONU), que, desde 1995, também celebra essa data como parte da sua agenda oficial.

Anualmente, a ACI define o tema que será objeto de estudos e trabalhos em todos os países cujas organizações de representação das cooperativas sejam filiadas a ela. E, para este ano, o tema definido foi: "As cooperativas e a ação contra as mudanças climáticas".

Mas o tema não é novidade para o cooperativismo brasileiro. Longe disso: cerca de 28 anos longe! Com efeito, na celebrada conferência Eco-92, realizada no Rio de Janeiro em 1992, a ACI, em um seminário sob os auspícios da Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB), teve participação efetiva, trazendo lideranças do mundo todo para mostrar ações concretas que já realizavam naquele momento em seus países a favor da mitigação de mudanças climáticas.

Desde esse notável evento, as cooperativas brasileiras de todos os ramos vêm trabalhando ativamente a questão da sustentabilidade, ligada ao aquecimento global.

Entre as cooperativas agropecuárias, estão as ações implementadas mais visíveis, em especial por causa das inovações tecnológicas desenvolvidas pelas instituições de pesquisa do setor e incorporadas pelos produtores rurais. Aí entraram, por exemplo, os programas do Plano

de Agricultura de Baixa Emissão de Carbono (Plano ABC), entre os quais se destacaram a integração Lavoura-Pecuária-Floresta (iLPF), a recuperação de pastagens degradadas, a fixação biológica de nitrogênio (FBN) no solo, a regeneração e o plantio de florestas (já temos mais de 7,5 milhões de hectares plantados), o plantio direto e tantos outros. As cooperativas da cadeia produtiva sucroenergética tiveram papel destacado na produção de cana-de-açúcar para fabricação do etanol, que emite apenas 11% do CO₂ emitido pela gasolina. E as cooperativas integradas para produção de carnes de aves e suína adotaram tecnologias restaurativas no tratamento de efluentes.

Pois bem: em 2012, o Rio de Janeiro sediou a Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável (Rio+20), exatamente para avaliar o que, de fato, havia ocorrido nos vinte anos desde a Eco-92 do ponto de vista da sustentabilidade e do combate ao aquecimento global, o que é de interesse de toda a humanidade.

E, mais uma vez, a OCB, em parceria com o FGV Agro e o Canal Rural, realizou um ciclo de entrevistas com lideranças governamentais, acadêmicas, empresariais, de organizações não governamentais, políticas e institucionais para fazer uma avaliação dos vinte anos decorridos e, ainda mais, mirar o futuro. Tudo isso foi consolidado no livro "Antes da Rio+20", publicado pela OCB, que refere o resultado pouco ambicioso do gigantesco acontecimento.

A verdade é que, em 2020, quando a ACI decide estabelecer como tema da celebração do Dia Internacional do Cooperativismo "As cooperativas e a ação contra as mudanças climáticas", o nosso movimento, com a firme liderança da OCB, já tem feito a sua parte para colaborar com a mitigação do aquecimento global. ■

"...as cooperativas brasileiras de todos os ramos vêm trabalhando ativamente a questão da sustentabilidade, ligada ao aquecimento global."